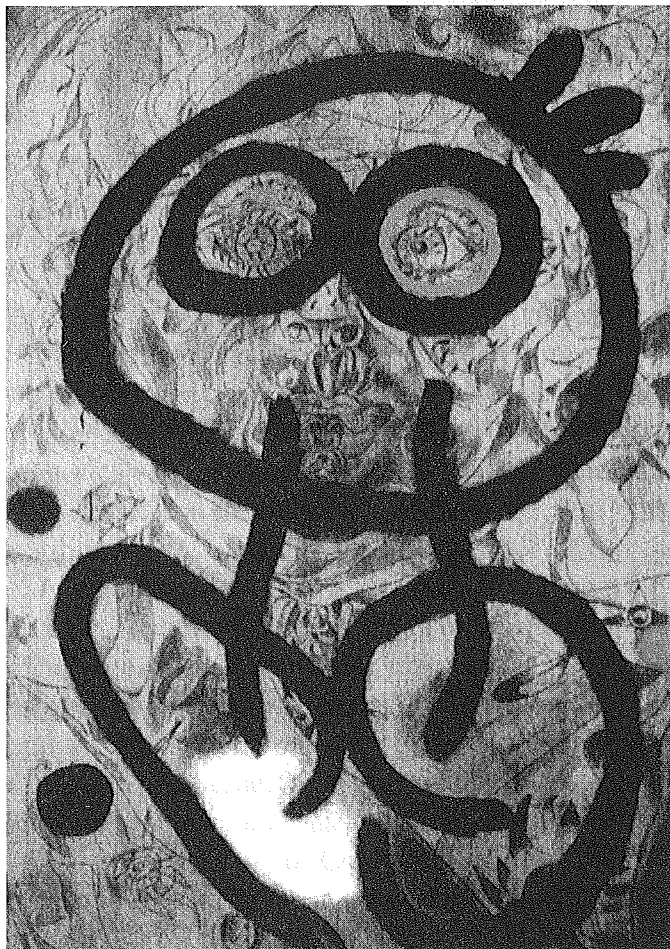


ACTAS DO COLÓQUIO

---

# A CRIATIVIDADE NA EDUCAÇÃO



Universidade dos Açores

## FICHA TÉCNICA

<i>Título</i>	A Criatividade na Educação
<i>Coordenação</i>	Gabriela Castro Magda Carvalho
<i>Edição</i>	Universidade dos Açores Centro de Estudos Filosóficos
<i>Capa</i>	Cartaz (reprodução de <i>Auto Retrato</i> de Miró)
<i>Paginação</i>	Ricardo Rodrigues
<i>Execução Gráfica</i>	Coingra, Lda.
<i>Tiragem</i>	500 exemplares
<i>Depósito Legal</i>	238810/06

O conteúdo dos artigos é de inteira  
responsabilidade dos seus autores

## A CRIAÇÃO ARTÍSTICA AUTÊNTICA CONTRA O ESTÉRIL CULTO DA PALAVRA – uma luta anterioriana

Magda Eugénia da Costa Carvalho\*

“Daí por diante o grande homem, o herói, deixa de ser o *santo*, o obediente, o que afirma, para ser o *inventor*, o revolucionário, o herege, que nega, combate e destrói.”

Antero de Quental, *O futuro da música*

A presente reflexão tem como principal objectivo indicar algumas pistas que permitam ajudar à focagem de um tema tão complexo quanto desafiante, como é a problemática da criatividade. Nesse sentido, assume como suas principais fontes alguns textos de Antero de Quental (textos maioritariamente de juventude) que, directa ou indirectamente, versam sobre a problemática da criação artística.

Apesar de Antero dispensar qualquer apresentação no que respeita ao percurso literário-filosófico que empreendeu, convém sublinhar que a sua presença se justifica pelo papel preponderante que desempenhou numa das mais importantes transformações ocorridas no seio da cultura nacional – a chamada Questão Coimbrã.

---

\* Departamento de História, Filosofia e Ciências Sociais, Universidade dos Açores.

Antero não sistematizou num texto autónomo o conjunto dos princípios estéticos que orientaram a sua actividade artística, porém são inúmeras e recorrentes as referências que na sua obra denunciam uma clara concepção poética. Essas referências, tornadas agora pistas e vestígios, permitem não só compreender o que é para o autor a criação artística autêntica, como também reconstruir o trilho que conduz à revelação do valor que a criatividade evidencia na constituição e no desenvolvimento do ser humano.

### **1. A questão – *criatividade e criação***

A exigência de um constante retorno à reflexão acerca do posicionamento e da relevância da criatividade no processo educativo advém da originária preocupação pelo ser do homem. Semelhante preocupação parece denotar que o encontro inevitável entre a noção de *criatividade* e o conceito de *criação* não é uma junção estritamente etimológica. Numa acepção lata, enquanto capacidade de produzir, de gerar, de criar, a criatividade reside na essencialidade do humano no homem<sup>1</sup>, ou seja, consiste em formar, relacionar, configurar, atribuir sentido e significado, em todos os âmbitos do fazer humano (estético, ético, político, religioso, social). Porém, na acepção restrita do termo, a criatividade assume-se como a capacidade de descoberta, de invenção, de instauração do novo e do diferente. É este o potencial criativo que o pensamento e a actividade artís-

---

<sup>1</sup> Ostrower, F., *Criatividade e processos de criação*, Petrópolis, Editora Vozes, 1978.

tica mais intensamente perseguem, e é a ele que Antero anexa noções como as de originalidade e ousadia<sup>2</sup>.

### 2. Criação autêntica – cisão e ruptura

A inovação criativa é a cisão com o já instalado, implicando por isso o atrevimento de dizer “Não” quer à conformidade com modelos instituídos, quer à comodidade de limites estabelecidos: “Ser criativo significa sair das redomas que nós – e os outros – criamos para nós mesmos”<sup>3</sup>, ou, nas palavras de Antero, no soneto IV da série *A Ideia: é ir buscar outro caminho*. Em termos poético-artísticos, criatividade e legalidade revelam-se incompatíveis, pois, se a primeira marca o surgimento de uma nova ordem, não pode existir previamente uma medida que avalie o imprevisto e o inesperado. O texto que Antero de Quental dedicou a prefaciar a obra *Cantos na Solidão*, do seu contemporâneo Manuel Ferreira da Portela, é um exemplo paradigmático de que “A criatividade nas artes caracteriza-se em vários casos pelo repúdio e superação das poéticas normativas (as “artes poéticas”), pelo contraste com o estatuído [...]”<sup>4</sup>. Antero leva a sua posição a ponto de exclamar: “Morram todas as poéticas do mundo, muito embora, mas salve-se a poesia!”<sup>5</sup>.

---

<sup>2</sup> Quental, A., “Bom senso e bom gosto”, em *Prosas da época de Coimbra*, Lisboa, Sá da Costa, 1982, pp. 281-295 (doravante citado por *Bom senso*).

<sup>3</sup> Sternberg, R. J.; Williams, W. M., *Como desenvolver a criatividade no aluno*, Porto, Asa Editores, 1999.

<sup>4</sup> Silva, C., Criatividade, em *Logos – Enciclopédia luso-brasileira de Filosofia*, Lisboa, Verbo, 1999, vol.I, p. 1226.

<sup>5</sup> Quental, A., Introdução [aos «Cantos na Solidão» de Manuel Ferreira da Portela], em *Prosas da época de Coimbra*, Lisboa, Sá da Costa, 1982, p. 229.

Ao distinguir entre *poesia*, enquanto interpretação do enigma e do mistério da natureza, e *poética*, como preocupação pela rigorosa proporção das ideias e harmonia do verso, está o autor a afirmar que para ser autêntica a poesia deve ser espontânea e sincera, mais do que cultivar a devoção intransigente a prescrições de uma tradição. O autor não pretende desprezar por princípio o legado poético-artístico da tradição, pelo contrário confere-lhe um valor inigualável porquanto transmite o que até então foram *os mais latos pensamentos* e *as mais nobres palavras* da humanidade. Insurge-se apenas contra os espíritos curvos e submissos, que designa por *apóstolos do dicionário*<sup>6</sup>, que, ávidos de doutrinas e prescrições, elevam os conteúdos dessa tradição ao estatuto de máxima normatividade, e transformam a fuga a essas ditas leis em imperdoável heresia. Antero de Quental não rejeita o património dos clássicos<sup>7</sup>, mas tão somente uma leitura estéril que deles se apresenta, enquanto momentos únicos de inspiração que devem, por isso, ser idolatrados. Essa cristalização é totalmente destituída de sentido uma vez que a Poesia não termina com o desaparecimento físico dos seus grandes nomes. Camões, Dante, Shakespeare são apenas momentos da expressão do espírito infinito<sup>8</sup>, a serem revisitados enquanto fértil terreno de inspiração e não como obra dogmaticamente fechada e intocável.

---

<sup>6</sup> *Bom senso*, p. 288.

<sup>7</sup> No ensaio “Arte e Verdade”, evidencia uma concepção artística classicista, defendendo a perspectiva do humanismo estético, segundo a qual a arte harmoniza as diversas faculdades e dimensões humanas (inteligência e coração; sonho e realidade; intuição e ideia).

<sup>8</sup> Cf. Quental, A., “A propósito de um poeta”, em *Prosas da época de Coimbra*, Lisboa, Sá da Costa, 1982, p. 86 (texto doravante citado por *A propósito*).

## A criatividade na educação

---

Antero apresenta uma poética inquieta e preocupada, construída à imagem de uma geração revolucionária, que fixa interesses para além do plano estritamente literário. Provavelmente a principal virtude destes homens liderados pelo autor das *Odes Modernas*, reside na insurreição contra o afastamento entre a Arte e a existência humana. Atento às profundas transformações científicas, económicas, políticas e sociais, de que Portugal era palco na segunda metade do século XIX, Antero insiste no poder e no alcance interventivos da Poesia. E é exactamente com a publicação das *Odes Modernas* que reitera o projecto poético de transformação política e de regeneração social – em causa estava a própria reconstrução do mundo<sup>9</sup>, de tal forma um ideal caro à Geração de 70 que, pela Revolução, abdicou dos preceitos e formulários literários e estéticos. Jaime Batalha Reis, na homenagem póstuma a Antero, no volume do *In Memoriam*, refere que esta Geração de jovens insurrectos combate a *mediocridade literária* e a *chateza artística*, das proclamadas autoridades da época, guiados por um profundo descontentamento e *escandalosamente sem estética*<sup>10</sup>.

Pelo já apresentado se antevê que a valorização da criatividade, trazendo consigo a exigência de um radical corte com o oficialmente instituído, sublinha como preponderante, em todo o seu processo, o desempenho do sujeito<sup>11</sup>. A ou-

---

<sup>9</sup> Cf. Quental, A., Nota (sobre a missão revolucionária da poesia), em *Odes Modernas*, Lisboa, Ulmeiro, 1996, pp. 208-212.

<sup>10</sup> Reis, J. B., “Annos de Lisboa (Algumas lembranças)”, em *Antero de Quental - In Memoriam*, edição fac-similada, Lisboa, Editorial Presença e Casa dos Açores, 1993.

<sup>11</sup> Alberto Ferreira e M<sup>a</sup> José Marinho, em *Antologia de textos da Questão Coimbrã*, defendem que esta acesa polémica foi mais uma ruptura do que

sadia do dizer e do inovar, em vez de simplesmente repetir e copiar, é a marca distintiva e originária da criação autêntica. É neste contexto que o conteúdo do famoso opúsculo *Bom senso e bom gosto* se estende para lá do plano estritamente estético – a irreverência reclamada por Antero, e por todos aqueles que na sua geração a ele se uniram no protesto, é acima de tudo o desafio moral que reivindica liberdade de espírito, independência e dignidade de pensamento e de carácter<sup>12</sup>. Embora noutro contexto, e movido por circunstâncias diversas, Antero faz eco do repto que, cerca de 80 anos antes, Kant havia lançado à Humanidade – *Ousa saber! Ousa pensar!*<sup>13</sup>. A urgência da maioridade, a importância do saber esclarecido, a defesa da emancipação, são os passos fundamentais para a construção da liberdade de pensar e de intervir, de criar e de construir autenticamente<sup>14</sup>. “A poesia que quiser corresponder ao sentir mais fundo do seu tempo, hoje, tem forçosamente de ser uma poesia revolucionária”<sup>15</sup> – assim firma Antero o testemunho de que a criação autêntica consiste em assumir o fim da esterilidade das manifestações poético-artísticas.

Em 1871, com as célebres Conferências do Casino, é dada continuidade ao projecto iniciado com a Questão

---

propriamente uma revolução. Os seus protagonistas projectaram uma profunda transformação nas concepções artístico-literárias, porém apenas consumaram um radical corte com o modelo vigente.

<sup>12</sup> Ideia perfeitamente corroborada no posterior opúsculo *A dignidade das letras e as literaturas oficiais*.

<sup>13</sup> Kant, I., “Resposta à pergunta: Que é o Iluminismo?”, em *A paz perpétua e outros opúsculos*, Lisboa, Edições 70, 1995, pp. 11-19.

<sup>14</sup> Cf. Pereira, M. B., *Modernidade e Secularização*, Coimbra, Livraria Almedina, 1990, pp. 24 e ss.

<sup>15</sup> Quental, A., *Odes Modernas*, p. 211.

Coimbrã, e de novo se torna clara a renovação reclamada pela segunda geração do romantismo português – de mero deleite frívolo de uma elite, a criação poética ascende ao posto de combate contra o mundo conservador e tirânico das autoridades<sup>16</sup>. Ser autenticamente criativo, em última instância, mais não é do que fazer-se arauto do projecto ideológico, social, político, religioso, da Humanidade, através de uma obra artística minada de teses, de ideias, de temas, de questões.

### 3. Criatividade poética - arte e moralidade

Leitor atento dos filósofos alemães, Antero constrói as suas reflexões através de um íntimo e estreito diálogo com as obras que desses pensadores lhe chegavam. A sua inquietação pelo sentido e significado da existência encontra-se expressa nalgumas cartas<sup>17</sup>, em textos filosóficos e até na sua vasta obra poética. Num exemplo deste último caso, a formulação escolhida no primeiro terceto do soneto *Divina Comédia* não deixa de apresentar similitude com a famosa questão leibniziana, imortalizada por Heidegger, *porquê o ser e não o nada?* Interroga Antero:

*“Pois não era melhor na paz clemente  
Do nada e do que ainda não existe,  
Ter ficado a dormir eternamente?”*

---

<sup>16</sup> Cf. Machado Pires, A., Antero – o combate contra a tirania da mediocridade..., em *Correio dos Açores*, Suplemento “Educação”, de 28 de Fevereiro de 2002.

<sup>17</sup> Veja-se, por exemplo, a carta a Fernando Leal, de 12 de Novembro de 1886. Quental, A., *Cartas, II*, Lisboa, Universidade dos Açores/Editorial Comunicação, 1989, pp. 801/802.

À questão pela razão de ser da existência responde Antero com a chamada *visão moralmente configurada do mundo*<sup>18</sup> - o Bem é o momento final e a mais íntima aspiração da evolução do ser<sup>19</sup>, sendo por conseguinte o ser humano, enquanto ser moral, o protagonista da aspiração profunda do Universo à liberdade. Reitera Antero noutro texto: “Vê-se que a obra do homem tem por fundamento os mesmos fundamentos do Universo. A alma sente-se irmã no meio de todas as forças do mundo, e segue crente e confiada nos destinos comuns da família universal.”<sup>20</sup>. Por conseguinte, a conquista pelo homem da liberdade, mais do que um direito, afigura-se como um dever, uma missão à qual a consciência individual não deve furtar-se.

Neste contexto se insere a poética que Antero desenvolveu de forma implícita na sua obra.

Em primeira instância, porque é a arte que convida o homem a expressar o seu poder criador, a distanciar-se de motivações meramente mecânicas e técnicas, e a afirmar a sua forma autónoma de procedimento em relação à Natureza<sup>21</sup>.

---

<sup>18</sup> Ribeiro dos Santos, L., “O problema moral em Antero de Quental”, em Borges, A.; Pita, A. P.; André, J. M. *Ars interpretandi. Diálogo e Tempo*, Porto, Fundação Eng. António de Almeida, 2000, pp. 627-663.

<sup>19</sup> Quental, A., Tendências gerais da Filosofia na segunda metade do século XIX, em *Obras Completas, vol. III – Filosofia*, Lisboa, Universidade dos Açores/Editorial Comunicação, 1991, p. 165 (texto doravante citado por *Tendências*).

<sup>20</sup> Quental, A. (1991), “Espontaneidade”, *Obras Completas, vol. III – Filosofia*, Lisboa, Universidade dos Açores/Editorial Comunicação, 1991, p. 49.

<sup>21</sup> Cf. Quental, A., “O futuro da música”, em *Prosas da época de Coimbra*, Lisboa, Sá da Costa, 1982, p. 275, onde o autor afirma que a criação voluntária e consciente é pendor do ser humano; e Quental, A., “Arte e Verdade”, em *Obras Completas, vol. III – Filosofia*, Lisboa, Universidade dos Açores/Editorial Comunicação, 1991, p. 235, onde Antero declara que a criação livre e consciente representa um milagre em oposição ao determinismo natural.

## A criatividade na educação

---

Sendo por natureza autónomo, não deve o ser humano obscurecer esta sua potencialidade, mas antes dar-lhe voz ao assumir a arte como *criação* e não como *reprodução*. Aliás, é na oposição entre reproduzir e criar que se instala a distância entre, por exemplo, um bom ourives, cujos excelentes dotes mecânicos não produzem mais do que enfeites, e um bom poeta, representante do ministério sagrado das letras<sup>22</sup>, ou entre o poeta e o simples versificador<sup>23</sup> ou ainda entre literatura e *literature*<sup>24</sup>.

A criação artística autêntica não se limita a transcrever a realidade, mas arrisca-se a transformá-la, a transfigurá-la, rasgando os limites da mera factualidade e instaurando no vasto horizonte do possível a originalidade que a define. Se o comportamento desviante é a pedra-de-toque da criatividade, se a sua ânsia de descoberta a leva por domínios nunca dantes explorados, há que crer no possível e inclusivamente abrir ao erro um certo sentimento de respeito. A limite, ser criativo é declarar a imunidade perante o medo de falhar, é aceitar que a procura por um destino novo será muito provavelmente um percurso transviado e errático. É esta pressuposição que, segundo o autor dos

---

<sup>22</sup> Quental, A., “A dignidade das letras e as literaturas oficiais”, em *Prosas da época de Coimbra*, Lisboa, Sá da Costa, 1982, p. 304 (texto doravante citado por *A dignidade*). A exaltação e o pendor encomiástico deste texto, elaborado na efervescência da juventude e da polémica, cai por vezes em certos excessos (confessados mais tarde pelo próprio Antero na carta autobiográfica a W. Storck) como o de não conceber a dimensão artística da produção do ourives.

<sup>23</sup> Carta a António A. Castelo Branco, de 06 de Junho de 1885. Quental, A., *Cartas*, II, Lisboa, Universidade dos Açores/Editorial Comunicação, 1989, pp. 741/742.

<sup>24</sup> Cartas a Joaquim de Araújo de Junho de 1882, de 20 de Janeiro de 1884 e de Abril/Maio de 1885, em Quental, A., *Cartas*, II, Lisboa, Universidade dos Açores/Editorial Comunicação, 1989, pp. 636, 687, 737.

*Sonetos*, falta às instâncias literárias oficiais, na sua cega crença de que todo o mundo (na significação mais vasta deste conceito) está já explorado, e que por isso a arte poética não passa de um mero exercício formal de metrificação, de *um estéril culto da palavra*. Com a deliciosa ironia que caracteriza os seus escritos relativos à Questão Coimbrã, dirige-se Antero a António Feliciano de Castilho dando-lhe os parabéns por, muito legitimamente, destruir e expulsar de casa a bofetões o ideal que anima as mais altas formas poéticas<sup>25</sup>. O autor do *Tratado de Metrificação Portuguesa* arroga-se de representar uma geração de *autoridades encartadas* que, no dizer de Antero, são “[...] exactamente como aqueles que jamais escorregaram ou caíram nos precipícios da montanha, não porque são fortes e resolutos, mas só porque nunca saíram de ao pé do lar doméstico, entre as mulheres, quentes e satisfeitos...”<sup>26</sup>.

Em segundo lugar, a poética anteriorana insere-se perfeitamente na visão moral do mundo, já que a primordial característica, e exigência, do criador autêntico é a elevação moral. Para além do talento e da experiência, as qualidades e as virtudes de carácter são requisitos essenciais do artista. A independência e a dignidade enquanto atributos do espírito, são sobretudo caracteres da consciência moral – o bem pulsa na vida e na obra dos poetas e a sua missão é dar testemunho, a toda a Humanidade, da autenticidade, da liberdade, da virtude, do Bem<sup>27</sup>. Por este motivo, é inconcebível que aos artis-

---

<sup>25</sup> *Bom senso*, p. 292.

<sup>26</sup> *A dignidade*, p. 310.

<sup>27</sup> Cf. Quental, A., “Provas tiradas das principais obras do Sr. A. F. Castilho”, em *Prosas da época de Coimbra*, Lisboa, Sá da Costa, 1982, p. 333.

## A criatividade na educação

---

tas (e, em última instância, a todos os homens) se exija que negligenciem a sua própria consciência em prol de normas estéreis e inertes. Antero é claro na exigência ética que formula: ser um bom poeta implica ser um *homem de bem*.

A argumentação do autor açoriano vai ainda um pouco mais longe, acusando os representantes do pontificado literário, que resumiam e definiam o bom gosto num decreto, de desonestidade e má-fé: transformar os homens em *autómatos escravizados do pensamento* é insurgir-se contra a própria natureza do pensamento e do espírito, que em si são a coisa espontânea por excelência<sup>28</sup>. Rejeitar a criatividade e a autenticidade do fazer artístico, e a limite de todo o agir humano, e assumir como motivações aspectos menos nobres como sejam interesses pessoais, reconhecimento público, fama e vanglória é, para Antero, uma forma de paralisia moral – o *sono letal do status quo*<sup>29</sup>. A filiação nos cânones pré-estabelecidos garante a aceitação e a pomposa entrada no mundo das letras, mas para sempre impede o acesso à essência, ao enigma, ao mistério da existência.

A Arte é o que é, e não aquilo que dela dizem os decretos oficiais. E o ser da arte é muito mais vasto do que o querem fazer crer os seus digníssimos representantes legais. Antero defende, nos seus textos de juventude, a visão que, da arte e da poesia, apresentaram os autores românticos do século XIX<sup>30</sup>, segundo a qual ao poeta e ao artista compete

---

<sup>28</sup> *A dignidade*, p. 303.

<sup>29</sup> Carta a A. A. Castelo Branco, de fins de Outubro de 1865, em Quental, A., *Cartas*, I, Lisboa, Universidade dos Açores/Editorial Comunicação, 1989, pp. 55/56.

<sup>30</sup> Cf. Bénichou, P., *Les temps des prophètes. Doctrines de l'âge romantique*, Paris, Éditions Gallimard, 1977, pp. 59-68.

uma missão de sacerdócio. A criação artística possui um importante papel no desenvolvimento e na evolução do espírito humano, sendo uma peça fundamental no projecto de organização social e civilizacional<sup>31</sup>. Em termos práticos, a contribuição da criação artístico-poética autêntica para o desenvolvimento do mundo humano faz-se porque a poesia é, em si mesma, comunicação: “[...] a poesia é – diz Antero – o meio por onde se comunicam as almas [...]”<sup>32</sup>. Em consonância com a natureza e papel que o autor atribui à criação artística, a poética anteriorana recusa todas as formas de convencionalismo e academismo estéticos, e apresenta-se como uma poética comprometida<sup>33</sup> com um ideal mais elevado: a moral ao serviço da vocação civilizadora.

#### **4. Criatividade e pedagogia – educar para o *ser autêntico***

À semelhança do que sucede com a poética, Antero de Quental não apresenta um texto autónomo e sistematicamente construído em torno da temática pedagógico-educativa. Todavia, é possível encontrar, ao longo da sua obra, indícios de preocupações e reflexões nessa área<sup>34</sup>.

---

<sup>31</sup> Nos seus textos de maturidade, Antero irá apresentar uma concepção poética distinta, mencionando em *A poesia na actualidade* (1881) a “certidão de óbito” da poesia – cf. Ribeiro dos Santos, L., “Antero e a Arte”, *Revista de História das Ideias*, 13 (1991), pp. 135-160.

<sup>32</sup> *A propósito*, p. 92.

<sup>33</sup> Ribeiro dos Santos, L., “*Ideia poética e Ideia Filosófica*. Sobre a relação entre poesia e filosofia na obra de Antero de Quental”, em *Philosophica*, 9, 1997, p. 111.

<sup>34</sup> Cf. Silva, F. M. S., *Antero de Quental – evolução da sua filosofia existencialista e do seu pensamento pedagógico*, Angra do Heroísmo: S.R.A.S./D.S.E, 1986, pp.121 e ss.; e Casulo, J.C., “O pensamento educacional de Antero de Quental”, em *Revista Portuguesa de Filosofia*, 47 (1991) 2, pp. 281-292.

## A criatividade na educação

---

Ao defender que os indivíduos não são entidades abstractas, mas seres reais e autónomos, cujo princípio de acção reside num *em-si* distinto e irreduzível<sup>35</sup>, Antero resolve o confronto entre liberdade individual e conformidade social a favor da primeira. Os procedimentos educativos deverão, assim, orientar-se para o fomento da autodeterminação da consciência, estimulando e incitando o exercício da reflexão pessoal. A identificação total e absoluta com padrões rígidos e inflexíveis representa uma opção dogmática e um esforço de aniquilamento do indivíduo. “O homem deve manter-se genuinamente livre para criar novas dimensões de significado existencial, e para, em última análise, atingir e viver a vida autêntica do Espírito”<sup>36</sup>. O processo de auto-realização do ser na esfera moral pressupõe a autenticidade da acção livre, sendo esta o verdadeiro e o mais íntimo sentido da existência.

Uma educação empenhada em impor moldes, que convide à cega filiação e ao respeito incondicional por modelos tradicionais, é uma educação estagnada que promove a desresponsabilização do indivíduo pelos seus próprios actos e palavras. Os seres humanos não podem simplesmente aceder a um exercício que os catalogue segundo determinados protótipos éticos, estéticos, políticos, religiosos ou sociais estabelecidos. Educar não é manipular uma massa homogénea, é apoiar a construção criativa da individualidade mediante a promoção do auto-desvelamento de si do indivíduo. Os mecanismos autoritários de repressão dão lugar à aceitação das aspirações individuais que, seguindo a

---

<sup>35</sup> *Tendências*, p. 140.

<sup>36</sup> Silva, F. M. S., *Ob. cit.*

natureza íntima de cada ser humano, tendem para a sua auto-realização. O pensamento educacional implícito na obra de Antero promove o desempenho activo do aluno, que não vê o seu projecto existencial diluir-se, mas antes conjuga de forma criativa os seus interesses com os da comunidade/sociedade.

O autor das *Tendências* é claro quanto ao alcance do conhecimento humano que, equacionando pensamento e realidade, jamais poderá atingir a verdade total e definitiva<sup>37</sup>. Como tal, não são legítimas as concepções e teorias que para si advogam o estatuto de produtos finais invioláveis, destinados ao exercício de um culto dogmático. A educação para a autenticidade instala-se no já mencionado movimento de abertura de novas possibilidades de acção e de pensamento, e elege como alicerce e fundamento último o uso pleno da liberdade. O educador, preocupado em extrapolar a missão de fiel depositário de regras e saberes oficiais, será o principal responsável pelo desafio à criatividade. Da forma como escolher desempenhar essa função, dependerá o sucesso de uma humanidade emancipada e conscientemente activa ou o fracasso de uma mole inerte e indiferente.

A primeira etapa para a concretização desse projecto consiste na aceitação de que todo o ser humano é capaz de *poiesis*, e de que todo o indivíduo só humanamente se concretiza no fazer e no produzir criativos. Para tanto, é necessário que quem ensina e educa seja tão incómodo e provocador como o moscardo socrático; que, como aconselha o pensador português do século XX Sant'Anna Dionísio, o professor apele para o interesse pessoal do aluno, *ainda que para isso*

---

<sup>37</sup> *Tendências*, p. 117.

## A criatividade na educação

---

*seja preciso ir feri-lo nas suas fibras mais recônditas*<sup>38</sup>; que se deixe de interrogar apenas com o intuito de arrogantemente confirmar o que já se sabe, e se faça cada pergunta como se dela dependesse a inauguração de todo um âmbito de novas possibilidades criadoras.

Se é visível que a manifestação do potencial criador parece variar na proporção inversa à da idade do sujeito, tal como se queixava o Príncipezinho no célebre texto de Exupéry, é talvez porque a integração social faz da conformidade intelectual a sua bandeira. Por mais irreverente que seja o indivíduo, por mais impertinente que seja a criatividade, não esqueçamos que “Começamos a repressão da criatividade natural das crianças quando se espera que elas pintem no interior dos contornos dos seus livros de colorir.”<sup>39</sup>

---

<sup>38</sup> Dionísio, S., *Do ensino da Filosofia nos liceus*, Lisboa, Edição da Renascença Portuguesa, s/d, p. 8.

<sup>39</sup> Sternberg, R. J.; Williams, W. M., *Ob. cit.*, p. 9.